

Uma peça curta para ser encenada por duas mulheres no meio da rua para ninguém em especial

POR LUCAS DURÃO¹

ILUSTRAÇÕES DE PALOMA FRANCA AMORIM

No meio da rua.

MARTA (*de fora*) – Pronto?

Entra Marta, trazendo uma garrafa de vinho.

MARTA – Eu acho que Romeu e Julieta estão mortos.

Um grito ininteligível de fora.

MARTA – Acho, não. *Estão*. Romeu e Julieta *estão* mortos. Desculpa. Eu tenho que falar mais alguma coisa?

Outro grito.

MARTA – Bem lembrado. Meu nome é Marta. (*Para fora.*) O seu nome é Alma?

Grito.

MARTA – O nome dela é Alma. Alma e Marta. Marta e Alma. Enfim. Nós estamos fazendo uma peça. Eu tava falando... Ah! Romeu e Julieta. Mortos. No final. Mas desde o começo todo mundo sabe, porque começa assim. É um tanto quanto ultrapassado, se você pensar bem. (*Para fora.*) Precisa de alguma ajuda aí? Eu tô ficando sem saber o que dizer!

Silêncio.

MARTA – A verdadeira questão não é se ela precisa de ajuda. Mas se ela merece ajuda. Merece?

1. Diretor de cinema, escritor e ator em formação pelo Teatro Escola Macunaíma. Além disso, é fazedor de perguntas em tempo integral.



Entra Alma, arrastando um criado-mudo.

ALMA – Nem tudo na vida é uma questão de merecimento.

Sai.

MARTA – De fato. Romeu e Julieta mereciam morrer só porque suas famílias se odiavam? Talvez não. Pela imbecilidade causada pela falta de comunicação?

Entra Alma, trazendo uma cadeira.

ALMA – Comunicação é vital num relacionamento.

Sai.

MARTA – Faça o que eu digo e não faça o que eu... Enfim. Poderia ter um final feliz?

Entra Alma com uma garrafa de água e senta na cadeira.

MARTA – Eu não perguntei o que você acha.

ALMA – E eu nada disse.

MARTA – Qual é a utilidade dos finais felizes? Ou melhor, qual é a aplicação deles nos dias de hoje?

ALMA – Qual é a dos finais felizes, ponto.

MARTA – De interrogação.

ALMA – Seria melhor um ponto final.

MARTA – Afinal.

ALMA – Eu acho que alguém ali quer responder.

MARTA – Essa não é uma peça em que a opinião do público é levada em consideração.

ALMA – Obrigada pelo interesse mesmo assim.

MARTA – Se a opinião do público fosse

levada em consideração, Romeu e Julieta teriam morrido?

ALMA – Não adianta levantar a mão.

MARTA – Eu acho que as pessoas em geral têm uma coisa com levantar a mão.

ALMA – E com bater palmas.

MARTA – Com bater palmas?

ALMA – Quando elas não sabem o que fazer, batem palmas. No meio de um silêncio constrangedor, por exemplo.

MARTA – Tipo assim?

Ficam em silêncio

MARTA – Ninguém bateu palma.

ALMA – Não foi um silêncio constrangedor.

MARTA – Não foi?

ALMA – Ela não é do tipo que fica constrangida.

MARTA – Jamé!

ALMA – Acho que deveríamos pedir pra todos eles levantarem a mão. E manterem até o final da peça.

MARTA – É uma peça curta.

ALMA – Todo mundo, levanta a mão. Vocês podem abaixar somente quando a peça acabar.

MARTA – Ou pra aplaudir.

ALMA – Mas não toda hora.

MARTA – Três salvas de palmas é muito pra peça inteira? Duas, então. A primeira é opcional e a segunda é obrigatória. Não tem erro. Só seguir com o fluxo.

ALMA – A peça acaba quando a gente morre.

MARTA – Igual a Romeu e Julieta. Pra quê o criado-mudo?

ALMA – *Shh.*

MARTA – Nós estávamos falando da escolha do público e Romeu e Julieta morrendo.

ALMA – Eu sei, eu li a peça.

MARTA – Bom, você acha que o público escolheria contar pra eles, pra que eles



vivessem?

ALMA – Eles seriam executados.

MARTA – Aí é que tá.

ALMA – Lá vem.

MARTA – Você já sabe o que eu vou falar?

ALMA – Como eu te disse, eu li a peça. Mas eu vou ficar bem surpresa.

MARTA – Mas não excessivamente.

ALMA – Só se for o caso.

MARTA – Como você faz pra ficar devidamente surpresa todas as vezes? Pra manter a cena com vida, a surpresa real?

ALMA – Eu como tomates no café da manhã.

MARTA – Oi?

ALMA – Isso mesmo.

MARTA – Isso não estava no texto.

ALMA – Será mesmo?

MARTA – Você está improvisando?

ALMA – Acho que eles entenderam.

MARTA – Mas não aplaudiram.

ALMA – Graças a Deus.

MARTA – Você acredita em Deus?

ALMA – Vamos voltar pra peça.

MARTA – Eu sempre fico confusa. Aliás, eu *sempre* confundo Shakespeare com Sócrates.

ALMA – Não confunde, não.

MARTA – É sério.

ALMA – É virtualmente impossível confundir os dois.

MARTA – Não é não, veja só. Os dois começam com S.

ALMA – Shakespeare chamava William.

MARTA – William Sócrates.

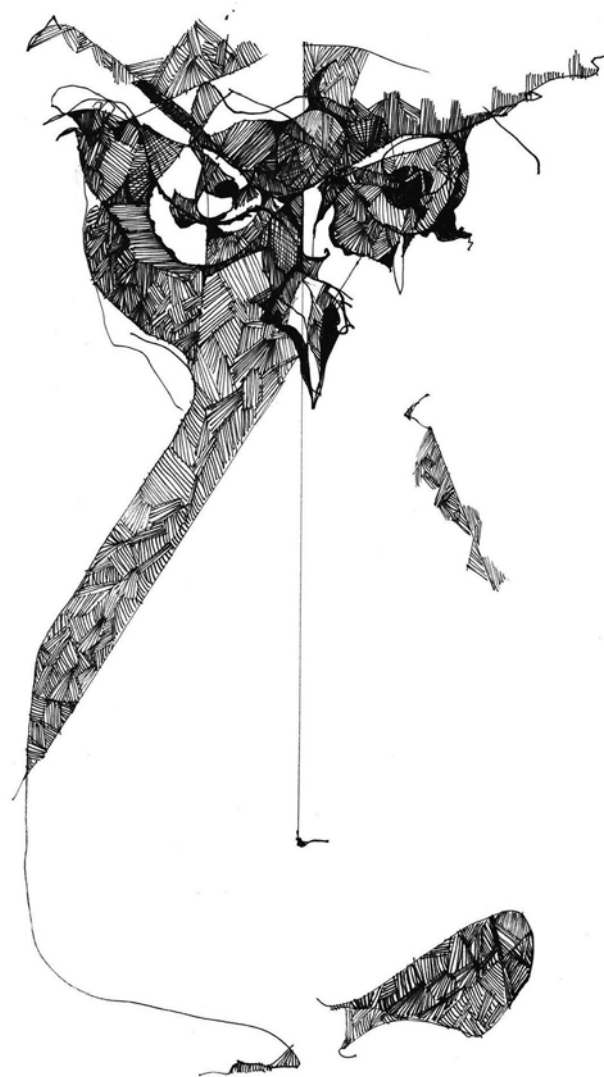
ALMA – Os dois estão mortos.

MARTA – Não estamos todos?

ALMA – Ainda não.

MARTA – Os dois eram pensadores famosos.

ALMA – Nossa, já tô confundindo os dois.
MARTA – E eu nem cheguei na melhor parte.
Os dois eram pagos pra dizer as coisas que pensavam. O que quer que fossem.
ALMA – Sócrates era um pé rapado. Ele não era pago.
MARTA – Mas falava o que pensava. Como nós.
ALMA – Discordo.
MARTA – Discorda?
ALMA – Nós não estamos dizendo o que pensamos. Mas o que alguém pensou.
MARTA – E quem disse que não somos nós?
ALMA – Mas mais do que tudo, nós não somos pagas.
MARTA – Não somos?
ALMA – Nem seremos.
MARTA – Isso é uma decepção.
ALMA – Sua mãe avisou.
MARTA – Vou ligar pra ela e dizer que ela tinha razão.
ALMA – O que ela disse?
MARTA – Só sei que nada sei.
ALMA – William Sócrates.
MARTA – Viu como é confuso?
ALMA – Não é confuso. Shakespeare: escritor. Inglês. Sócrates: velho grego.
MARTA – E Shakespeare não era velho?
ALMA – Shakespeare era um gato.
MARTA – Literalmente.
ALMA – Do tipo felino.
MARTA – É o que literalmente significa.
ALMA – Eu sei, mas talvez as pessoas não saibam. Elas vieram aqui para serem educadas, afinal.
MARTA – Vieram?
ALMA – Vieram. Pra mim, teatro é sempre político.
MARTA – Como assim?



ALMA – A gente fala as coisas do jeito que elas são, e, pronto, elas são assim.

MARTA – Não entendi.

ALMA – Política não é assim? Alguém decide o que é, e é.

MARTA – A gente decide quem é esse alguém.

ALMA – Será?

MARTA – Eu não sei. Eu bebi demais.

ALMA – Você não colocou a garrafa na boca uma vez.

MARTA – Eu esqueci, eu fico nervosa. Mas a partir de agora eu estou bêbada.

ALMA – Para todos os efeitos.

Marta cai para trás, Alma segura. Ela leva Marta até a cadeira e entrega a água para ela.

ALMA – Algumas pessoas acham que mulher não tem que beber.

MARTA – Se algum de vocês pensar isso, pode se retirar!

ALMA – Ou pode ficar e ser ensinado.

MARTA – Mas agora é o meu monólogo sobre *Romeu e Julieta*.

ALMA – Você não está em condições.

MARTA – Mas se eu não fizer, ninguém vai entender a peça.

ALMA – Eu vou encher os balões, então.

Abre o criado-mudo e começa a encher bexigas.

MARTA – Como vocês... Bom, não ligo. *Romeu e Julieta*. Eles morrem, vocês lembram disso. Tem um ponto na história. O ponto do final feliz... O que Sócrates...

ALMA – Shakespeare.

MARTA – *Shakespeare*, o Gato, quis dizer... Eu não acho que eu tenha que explicar pra eles, na verdade. Nem *Romeu e Julieta*, nem... Outra peça... Nem a nossa peça.

ALMA – Ainda queria que me explicassem

Macbeth.

MARTA – Entendam o que quiserem dessa peça. E de *Romeu e Julieta*. Se eles tivessem conversado, nada disso teria acontecido. Mas Julieta tinha 13 anos, então eu sei lá. Meu ponto, que começa agora, até porque eu esqueci a primeira metade do monólogo, é o seguinte: qual a utilidade dos finais felizes? A vida tem finais felizes? As peças servem pra educar as pessoas? Por que sentar em cadeiras de plástico e ser obrigado a ficar de mão levantada?

ALMA – No cinema ninguém tem que aplaudir.

MARTA – Nós continuamos a encenar peças da época de Shakespeare.

ALMA – Acho que nesse caso você quis dizer Sócrates.

MARTA – Acho que há nisso uma grande lição sobre como nós não aprendemos as grandes lições. Nós continuamos dizendo, e dizendo, e dizendo as mesmas coisas mas parece que ninguém está parando para escutar.

ALMA – Acho que você está sendo melodramática.

MARTA – Eu estou. Mas é frustrante. É como se a gente não se percebesse como um todo.

ALMA – O quê?

MARTA – Exato. É, de alguma forma, culpa do Catártico e dos gregos. E do individualismo de Shakespeare, o Gato. Nós não queremos saber o que vai acontecer. Nós queremos a ilusão do final, bom ou ruim, mas sem saber o que é antes de abrir a caixa.

ALMA – Aí entra outro gato com S.

MARTA – E por isso não existe mais espaço a catarse nas nossas vidas. O *status quo* é imbatível.

ALMA – Você está sendo melodramática e militante ao mesmo tempo.

MARTA – Por isso que eu precisava estar

bêbada.

ALMA – E agora é a parte que a gente morre.

Vai até o criado-mudo e tira uma arma de dentro.

MARTA – Se o público pudesse intervir em *Romeu e Julieta*, eles teriam sido avisados?

ALMA – Nós sofremos do mesmo mal que Romeu e Julieta.

MARTA – Nós duas?

ALMA – Nós.

MARTA – Isso inclui vocês. Que mal?

ALMA – Falha na comunicação.

MARTA – É um consolo.

ALMA – Por isso a mensagem se repete.

MARTA – Qual mensagem?

ALMA – A gente precisa terminar antes de ser expulso.

MARTA – Agora ela atira em mim e depois atira nela mesma. Eu não conseguiria fazer isso. A Alma é mais fria. E vocês não podem fazer nada.

ALMA – A quarta parede é via de mão única.

Alma, Marta. Alma, Morta!

MARTA – CALMA!

ALMA – Essa era a minha fala preferida.

MARTA – Desculpa, mas eu tive uma ideia. Você disse que a quarta parede é uma via de mão única. E que não importa o que eles querem.

ALMA – Não foi exatamente isso.

MARTA – Mas nós sabemos o que vai acontecer.

ALMA – E o seu ponto é?

MARTA – Desse lado da quarta parede. Nós podemos fazer alguma coisa pra mudar.

ALMA – Nós sabemos do final.

MARTA – Exato. Então a gente pode decidir pela comunicação. Sair do paradigma *Romeu e Julieta*.

ALMA – Comunicação atriz-personagem.

MARTA – Eu não sei se existe essa dicotomia.

Mas é isso mesmo.

ALMA – O que você sugere?

MARTA – O que você faria se pudesse explicar a confusão toda pro Romeu e pra Jujú?

ALMA – Eu sugeriria que eles quebrassem a quarta parede.

MARTA – E fugissem?

ALMA – Com estilo.

MARTA – Então é isso.

ALMA – *Allons-y*.

MARTA – Só... Como fica a catarse no final se ninguém morre?

ALMA – Eu tenho uma ideia.

Aproxima-se da plateia.

ALMA – Senhora, nós vamos sair pela quarta parede em alguns segundos. Mas alguém tem que morrer. Peço a você que, quando nós nos retirarmos, atire na pessoa ao seu lado e depois em si mesma.

MARTA – Pode ser nos balões que a Alma encheu.

ALMA – Funciona nos balões. Mas na plateia é melhor.

MARTA – Vamos saltar no 3, 2, 1?

ALMA – Só uma coisa. A peça acaba quando a gente morre.

MARTA – Mas como a gente vai sair, então não sei. Quando os balões morrem?

ALMA – Ou alguém da plateia.

MARTA – Daí podem voltar pra casa.

ALMA – Pedimos que por favor não aplaudam.

MARTA – Ou só quando a gente estiver bem longe.

ALMA – De preferência não.

MARTA – Pronta?

Alma grita. De mãos dadas, elas saltam para fora da quarta parede. ■